

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA – UNIFOR-MG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E EXATAS
DANIELA ALVES ARANTES**

**BIBLIOTERAPIA PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS
ESPECIAIS NA APAE DE CAPITÓLIO-MG: APLICABILIDADE E RESULTADOS**

**FORMIGA – MG
2008**

DANIELA ALVES ARANTES

**BIBLIOTERAPIA PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS
ESPECIAIS NA APAE DE CAPITÓLIO-MG: APLICABILIDADE E RESULTADOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas do UNIFOR-MG, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.
Orientadora: Prof^ª. Esp. Tânia de Fátima Gontijo Fonseca.

FORMIGA – MG

2008

A146b

Arantes, Daniela Alves.

Biblioterapia para alunos com necessidades educacionais especiais na Apae de Capitólio-MG / Daniela Alves Arantes. – 2008.

43 f.

Orientadora: Prof^ª Esp. Tânia de Fátima Gontijo Fonseca.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro Universitário de Formiga – UNIFOR-MG, Formiga, 2008.

1. Biblioterapia. 2. Necessidades Educacionais Especiais. 3. Contação de histórias. 4. Terapia. I. Título.

CDU 028

DANIELA ALVES ARANTES

**BIBLIOTERAPIA PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS
ESPECIAIS NA APAE DE CAPITÓLIO-MG: APLICABILIDADE E RESULTADOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas do UNIFOR-MG, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Esp. Tânia de Fátima Gontijo Fonseca

Examinadora: Adrilene Duarte Elias

Formiga, 10 de novembro de 2008

Aos que sempre estiveram comigo de uma maneira ou de outra
e que me apoiaram para conquistar esse objetivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por esta etapa vencida, à minha família e amigos pelo apoio. Um obrigado especial a minha orientadora Tânia de Fátima Gontijo Fonseca, que dedicou parte do seu tempo em prol deste trabalho. Aos funcionários da APAE de Capitólio-MG e aos alunos que tornaram tão gratificante este trabalho.

“Não é só a história que importa: é a maneira de contá-la.

São as expressões fisionômicas, a voz, os trejeitos, as onomatopéias, toda a dramatização...”

(Cecília Meireles)

RESUMO

Estudo de caso sobre a contação de histórias para alunos com necessidades educacionais especiais da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Capitólio-MG, no período de abril a outubro de 2008. Visa analisar a aplicação de técnicas de leitura como função terapêutica utilizando-se de programa biblioterápico. Verifica que a leitura tem sido utilizada com sucesso como auxiliar da psicologia para resolver conflitos e enfrentar problemas de ordem emocional, social, mental e educacional. Estimula com as histórias o público-alvo a liberar seu imaginário e transformar emoções negativas e liberar sentimentos positivos. Através da contação de histórias, os alunos poderão descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser. E, ouvindo-as, poderão sentir emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança e tantas outras mais e viver profundamente tudo isso. Apresenta os resultados positivos atingidos pelo trabalho desenvolvido. Conclui, que trabalhar com o imaginário infantil requer prazer, alegria e dedicação de um profissional habilitado e capacitado ao trabalho literário e biblioterápico.

Palavras-chave: Biblioterapia. Necessidades Educacionais Especiais. Contação de histórias. Terapia.

ABSTRACT

This case study is about stories telling for students with special educational necessities from (APAE)-Parents and friends of handicapped from the city of Capitólio-MG-Brazil. The work was done between April and October 2008. The study aims to analyze the applications of reading techniques with therapeutical functions using the bibliotherapeutic program. It was verified that the reading has been used with success as an auxiliary to educational psychology. The target public is stimulated with the stories to release their imaginary, changing negative emotions and releasing positive feelings. With stories telling the students could be able to find out other places, other epochs and other ways of being and act. And, through listening they could feel important emotions like: sadness, angry, irritation, fear, happiness, panic, uncertainty and many others and could live everything with intensity. The technique shows positive results in the work developed. The conclusion is that working with the children imaginary requests pleasure, joy and dedication of a competent professional with literary and bibliotherapeutic knowledge.

Keywords: Bibliotherapy. Special Educational Necessities. Stories telling. Therapy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A DEFICIÊNCIA MENTAL.....	12
3	A BIBLIOTERAPIA	15
4	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	19
5	MATERIAIS E MÉTODOS.....	21
5.1	Caracterização da pesquisa.....	21
5.2	Procedimentos	21
5.3	Caracterização/ objeto da amostra.....	22
5.4	Cuidados éticos.....	23
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
7	CONCLUSÃO.....	28
	REFERÊNCIAS.....	30
	APÊNDICE A – DIÁRIO DE CAMPO	32
	ANEXO A – HISTÓRIA “O PROBLEMA DA CENTOPÉIA ZILÁ”	33
	ANEXO B – HISTÓRIA “UMA AMIGA DIFERENTE”	34
	ANEXO D – DECLARAÇÃO DE ACEITE DA INSTITUIÇÃO	36
	ANEXO E – AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DE TRABALHO DE PESQUISA DE CAMPO	37
	ANEXO F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	38
	ANEXO G – COEP: CARTA DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO	39
	ANEXO H – DECLARAÇÃO.....	40
	ANEXO I – FOTOS	41

INTRODUÇÃO

Segundo Ouaknin (1996, p. 11-12):

Biblioterapia é a terapia por meio de livros. Esta definição, que parece simples, implica um conjunto de questões complexas. A palavra 'terapia' tem essencialmente um sentido curativo. O remédio e o médico vêm para 'reparar' uma 'fratura' do corpo, do espírito ou da alma.¹

A Biblioterapia para alunos com necessidades educacionais especiais é uma atividade eficiente, principalmente quando utiliza-se da contação de histórias com enredos capazes de possibilitar a esses alunos a descoberta do mundo de conflitos, dificuldades e problemas enfrentados e/ou resolvidos pelos personagens das histórias. E, assim, permite esclarecer melhor os seus ou encontrar um caminho possível para a resolução deles. Partindo dessa idéia, surge assim o questionamento que impulsionou a presente investigação: O trabalho de leitura para alunos com deficiência mental e condutas típicas favorece o desenvolvimento crítico e reflexivo, estimula a imaginação, a linguagem e promove a socialização?

A Biblioterapia favorece o desenvolvimento de capacidades intelectuais que levam a reflexão, a oralidade e a interação entre o biblioterapeuta e alunos, alunos e alunos, no envolvimento total entre as partes.

Através da contação de história, os alunos poderão descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser. E, ouvindo-as, poderão sentir emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança e tantas outras mais e viver profundamente tudo isso.

De acordo com Dal Pizzol (2008), “[...] a emoção é uma experiência afetiva que aparece de maneira brusca e que é desencadeada por um objeto ou situação excitante, que provoca muitas reações motoras e glandulares, além de alterar o estado afetivo.”²

Quando ouvia falar sobre Biblioterapia aplicada no projeto de extensão “Leitura: Asas da Liberdade”, do Curso de Biblioteconomia, houve uma identificação pessoal com seus objetivos sociais. Este projeto utiliza a leitura como instrumento de

¹ OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

² DAL PIZZOL, Alexandre. **Emoção e sentimento**.. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/psicologia/emoção.htm>>. Acesso em: 12 set. 2008.

humanização por meio de variados textos e técnicas de contação de histórias. Seu público alvo são pessoas que por motivos vários encontram-se afastadas do lar ou do meio social. O interesse pelo assunto conduziu à busca fundamentada na literatura e percebeu-se que poderia aplicá-la na APAE de Capitólio para a realização do trabalho de conclusão de curso.

Neste sentido, este projeto visa desenvolver na Escola Neli Arantes dos Santos – APAE de Capitólio-MG, um programa de leitura biblioterápica fundamentado na contação de histórias, com debates abertos após a mesma. Esta experiência de leitura será relatada verificando se a leitura está sendo utilizada com sucesso como auxiliar da psicologia para resolver conflitos e enfrentar problemas de ordem emocional, social, mental e educacional. Busca demonstrar, ainda, a atividade de leitura para crianças com deficiência mental e condutas típicas como uma forma de liberação de sentimentos positivos e transformação das emoções negativas, além de estimular o imaginário, utilizando-se da Biblioterapia.

“As emoções positivas são: alegria, amor, alívio e outras; e as emoções negativas são: tristeza, raiva, irritação, medo e outras mais.” (RADINO, 2003)³.

³ RADINO, Glória. **Contos de fadas e realidade psíquica**: a importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

2 A DEFICIÊNCIA MENTAL

A deficiência mental é definida na Política Nacional de Educação Especial do MEC em Brasil (1997) como: “[...] uma incapacidade caracterizada por importantes limitações, tanto no funcionamento intelectual, quanto no comportamento adaptativo. Está expresso nas habilidades adaptativas conceituais, sociais e práticas”.⁴ Essa incapacidade tem início antes dos 18 anos de idade.

A definição de deficiência mental, acima descrita, atualmente foi proposta pela Associação Americana de Retardo Mental (AAMR) em 1992, sendo aceita internacionalmente e preconizada nos textos e documentos oficiais em nosso país.

Para que uma pessoa seja diagnosticada como deficiente mental, três condições precisam ser consideradas:

- a) um QI igual ou inferior a 70-75 pontos;
- b) limitações em duas ou mais habilidades adaptativas;
- c) idade de início da deficiência até aos 18 anos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), 10% da população brasileira é composta de pessoas com deficiência, das quais 5% são deficientes mentais. Em dados atuais, essa cifra corresponde a 750.000 pessoas.

Esse número é muito expressivo e reflete a necessidade de se pensar a deficiência mental na sociedade e de que modo essa população específica tem sido atendida nos seus direitos e necessidades.

Existem medidas de prevenção de casos de deficiência mental. Proteção à criança e à sua mãe contra doenças provocadoras de deficiências, orientação para reduzir casamentos consanguíneos, acompanhamento pré-natal, cuidados médicos no momento do parto e apoio ao recém-nascido, prevenção de acidentes e traumatismos, vacinação, prevenção de carências nutricionais e afetivas, controle do uso de álcool e de drogas por parte da mãe, eliminação de perigos ambientais, melhoria da nutrição da mãe e da criança, são exemplos de medidas de prevenção primária, ou seja, medidas cujo objetivo é evitar o aparecimento de deficiências.

Durante muito tempo acreditou-se que as pessoas com deficiência mental não aprendiam os conteúdos acadêmicos ensinados na escola. Por essa razão, a sua educação era pautada na crença de que só teriam acesso à aprendizagem

⁴ BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. **Deficiência mental**. Brasília, DF: SEESP, 1997.

relacionada às atividades de vida diária (auto-cuidado e segurança), algumas habilidades sociais de lazer e de trabalho supervisionado ou pouco mais.

Atualmente, a comunidade escolar está presenciando alunos com deficiência mental alcançando níveis escolares nunca antes imaginados, porque sistemas de apoio organizados e adaptações curriculares adequadas estão permitindo o seu acesso a uma aprendizagem efetiva e progressiva.

No documento Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (BRASIL, 1997) há uma referência explícita à mudança de terminologia ocorrida no âmbito da educação especial para inseri-la numa perspectiva mais aberta e inclusiva:

A expressão necessidades educacionais especiais pode ser utilizada para referir-se a crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender. Está associada, portanto, a dificuldades de aprendizagem, não necessariamente vinculadas à deficiência(s). O termo surgiu para evitar os efeitos negativos de expressões utilizadas no contexto educacional – deficientes, excepcionais, subnormais, superdotados, infradotados, incapacitados, etc. – para referir-se aos alunos com altas habilidades/superdotação, aos portadores de deficiências cognitivas, físicas, psíquicas e sensoriais. Tem o propósito de deslocar o foco do aluno e direcioná-lo para as respostas educacionais que eles requerem, evitando enfatizar os seus atributos ou condições pessoais que pode inferir na sua aprendizagem e escolarização. É uma forma de reconhecer que muitos alunos, sejam ou não portadores de deficiências ou de superdotação, apresentam necessidades educacionais que passam a ser especiais quando exigem respostas específicas adequadas.

Além disso:

Experiências educacionais bem sucedidas estão revelando que os alunos com deficiência mental podem e devem estudar nas escolas regulares e que um adequado sistema de apoio educacional é suficiente para lhe dar acesso ao currículo e apropriação do saber escolar. (BRASIL, 1997).

É de suma importância propiciar a esse aluno deficiente um ambiente social estimulador, livre de segregação, um ambiente que não reforce suas limitações, mas desafie o desenvolvimento e a aprendizagem de nossas habilidades.

A escola especial é muito importante para os alunos com limitações intelectuais mais acentuadas e uma significativa fonte de apoio para os que se encontram atendidos na escola regular e necessitam de apoio especializado.

“As salas de recursos e o atendimento itinerante, dentre outros, constituem formas de atendimento especializado importantes para os alunos que estão matriculados em escolas regulares.” (BRASIL, 1997).

Cada vez mais se amplia a concepção de que as pessoas com deficiência mental têm potencialidades e habilidades que as preparam para uma vida social e comunitária de qualidade.

A APAE de Capitólio-MG, de acordo com a Política de Movimento APAEano, (que traça as diretrizes e normas que norteiam todo trabalho das escolas das APAEs) visando a qualidade de atendimentos aos alunos com necessidades educacionais especiais elaborou seu programa APAE Educadora, priorizando a inclusão educacional e social.

A educação inclusiva é necessária e fundamental para a inclusão social, isto é, uma oportunidade de incluir as pessoas na sociedade, para que se sintam realmente como pessoas de direito, capazes de fazerem escolhas, que as levem a exercerem a cidadania. A vivência harmoniosa entre as diferenças irá proporcionar uma nova postura diante da pessoa com necessidades especiais. Será uma oportunidade de vivenciar e constatar que a diversidade é um ganho educacional neste processo de inclusão, onde todas as pessoas têm contribuições para dar, se tiverem a mesma oportunidade de viver e conviver.

Com tudo isso, a escola estará estimulando a cidadania, melhorando a qualidade de vida de todos envolvidos no processo educacional.

Quanto à questão de quem deve ser encaminhado à escola especial salienta-se que esta é exclusivamente destinada aos alunos com severas deficiências e condutas típicas. Sua proposta pedagógica será implementada por equipe de profissionais de diferentes áreas; a escola especial prestará também, apoio especializado aos alunos incluídos nas escolas comuns e participará da capacitação de professores que atuam em outras escolas.

A educação especial é uma modalidade oferecida na educação básica aos alunos com necessidades educacionais especiais permanentes ou transitórias, de modo a garantir-lhes o desenvolvimento de suas potencialidades.

A educação especial será oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino, para alunos com necessidades especiais. Haverá, quando necessário, serviço de apoio especializado na escola regular. Haverá também flexibilização e adaptação curricular, metodologias de ensino e recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação adequados ao desenvolvimento dos alunos, em consonância com o projeto pedagógico da escola. (BRASIL,1997).

3 A BIBLIOTERAPIA

A leitura pode entrar na educação especial por diversos pontos, mas o ideal é que tenha a função terapêutica. Para isso, pode-se lançar mão do uso da Biblioterapia.

Podemos dizer que a Biblioterapia é a utilização de livros para o tratamento de pessoas com problemas mentais, físicos, emocionais e sociais, com o intuito de resolver os conflitos internos e interpessoais.

A importância da Biblioterapia para alunos com necessidades educacionais especiais é possibilitar a descoberta do mundo de conflitos, dificuldades, favorecer o desenvolvimento crítico e reflexivo, além de estimular a linguagem, a imaginação e a socialização.

A palavra pode conduzir ao amor ou ao ódio, causando alegria, tristeza, dor, alívio, esperança, desespero, contentamento, entusiasmo, desânimo. O papel da Biblioterapia é administrar o processo de leitura, auxiliando as pessoas a diminuírem suas tensões, alavancando, assim, os sentimentos positivos.

Conforme Ferreira (2003, p. 36), “[...] a Biblioterapia é vista como um processo interativo, resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado nesse processo interativo é amplo.”⁵

Para Bueno (2002, p.16),

[...] a Biblioterapia pode estar presente no ato de ACOLHER – aquele que está disposto a falar e a ouvir, a brincar, educar e aliviar as tensões através do livro; no ato de SIGNIFICAR – aquele que avalia as necessidades e procura na leitura dirigida explorar as questões pessoais; e no ato de INTERVIR – quando afetamos culturalmente e socialmente o paciente. Pelo fato de trabalhar diretamente nas relações mais humanas do paciente a Biblioterapia influenciará o trabalho do profissional de saúde no SIGNIFICAR e INTERVIR do processo saúde-doença.⁶

Existem três tipos de Biblioterapia, a clínica, a institucional e para o desenvolvimento pessoal.

A Biblioterapia clínica é destinada às pessoas com sérios problemas de comportamento social, emocional, moral, etc. Sua aplicação tem sido em instituições de saúde, como hospitais, clínicas, organizações de saúde mental, embora ocorra

⁵ FERREIRA, Danielle Thiago. **Biblioterapia**: uma prática para o desenvolvimento pessoal, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003.

⁶ BUENO, Silvana Beatriz. **A aplicação da Biblioterapia em crianças enfermas**. Relatório final (Curso de Biblioterapia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002

também em clínicas privadas. É aplicada através de programas muito bem estruturados e que envolvem psicoterapeutas, médicos e bibliotecários (FERREIRA, 2003). Seu objetivo é fazer com que os pacientes modifiquem suas atitudes e comportamentos, com a solução ou melhora do problema de comportamento apresentado.

A Biblioterapia institucional é um tipo de auxílio aplicado em grupo ou individual e personalizado que uma instituição presta, através de uma equipe de profissionais aos seus usuários, enfocando aspectos das doenças mentais, distúrbios de comportamento, ajustamento e desenvolvimento pessoal, fornecendo literatura sobre o assunto. Este material é usado nas sessões devendo ser aplicado por um conjunto de profissionais que inclua um bibliotecário treinado e acompanhamento de profissionais da saúde ou educação, dependendo do tipo de trabalho a ser feito. O seu objetivo é prestar informação ao usuário e esclarecê-lo sobre um problema específico, ajudá-lo na tomada de decisão e reorientação de seu comportamento, conforme o objetivo definido para o trabalho. (FERREIRA, 2003).

A Biblioterapia para o desenvolvimento pessoal é descrita como apoio literário personalizado para possibilitar um desenvolvimento normal e progressivo da pessoa que procurou por ajuda. Pode ser aplicada em caráter preventivo ou corretivo. Também pode ser usada sob a forma de tratamento grupal. É indicada para aplicação em instituições educacionais, sendo aplicada junto a crianças e adolescentes. (FERREIRA, 2003). Pode ser aplicada em escolas, bibliotecas públicas e centros comunitários ou religiosos. O bibliotecário desempenha principalmente o papel de educador. O dicionário de educação Lack (1985, p. 28-29) define da seguinte maneira a Biblioterapia para o Desenvolvimento Pessoal:

O uso de livros para influenciar o desenvolvimento total da personalidade é um processo de interação entre o leitor e a literatura, que é utilizada para o enriquecimento da personalidade, seu ajustamento e desenvolvimento, com objetivos clínicos de higiene mental e ajustamento social.

A pessoa que se submete à Biblioterapia geralmente tem acesso a dois tipos de literatura: a literatura de ficção (para projeção de suas dúvidas nos personagens) e literatura didática.

A leitura é primeiramente um acontecimento solidário, um encontro privado com outro mundo, sozinho com o livro, sozinho consigo mesmo. Para outras pessoas, essa solidão é justamente o que faz com que a leitura não possa ser assimilada a uma conversa, mesmo que fosse com os homens mais sábios. O que difere essencialmente entre um livro e um amigo não é a sua maior ou menor sabedoria, mas a maneira pela qual nos comunicamos de outro pensamento.

Caldin (2001), baseando seus estudos na tese de *Caroline Shrodes*, definiu Biblioterapia como “[...] leitura dirigida e discussão em grupo que favorece a interação entre as pessoas, levando-os a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios.”⁷ Dessa forma, o homem não está mais solitário para resolver seus problemas; ele os compartilha com seus semelhantes em uma troca de experiências e valores. Direcionando a Biblioterapia para a infância, apresentou como objetivos básicos da função terapêutica da leitura, o proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e físicos.

Para Ouaknin (1996, p. 198), “[...] a Biblioterapia é primeiramente uma filosofia existencial e uma filosofia do livro”, que sublinha que o homem é um “[...] ser dotado de uma relação com o livro.” Desse forma, essa relação com o livro – a leitura – permite ao homem compreender o texto e se compreender. O leitor, ao interpretar, passa a fazer parte do texto interpretado.

A leitura implica uma interpretação – que é em si mesma uma terapia, posto que evoca a idéia de liberdade – pois, permite a atribuição de vários sentidos ao texto. O leitor rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe agrada, dando vida e movimento às palavras, numa contestação ao caminho já traçado e numa busca de novos caminhos.

A Biblioterapia contempla não apenas a leitura, mas também, o comentário que lhe é adicional. Assim, as palavras se seguem umas às outras – texto escrito e oralidade, o dito e o desdito, a afirmação e a negação, o fazer e o desfazer, o ler e o falar – em uma sobreposição que conduz à reflexão, ao encontro das múltiplas verdades em que o curar se configura como abrir-se a uma outra dimensão. Caldin (2001).

⁷ CALDIN, C. F. A leitura como função terapêutica: Biblioterapia. **Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 12, 2001. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/cendon/disciplinas/diss/caldin%20-%20leitura%20terap.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

Neste contexto, recomenda-se para crianças de educação especial um programa biblioterápico implícito em histórias infantis utilizando-se da “contação de história.”

4 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A contação de histórias revela-se uma possibilidade para a ampliação de visão do mundo, para a aquisição de conhecimentos e significados culturais, para o estímulo à imaginação, à fantasia e ao sonho.

O modo de contação de história possibilita e ajuda na compreensão da história, bem como na aquisição de novos conceitos, além de despertar um interesse das crianças pela história.

Segundo Radino (2003, p.1):

O livro resgata a função da oralidade e o papel do narrador no decorrer da história. No momento em que a literatura infantil desvinculou-se da pedagogia, tornou-se criativa, questionadora, assumindo a função que os antigos contos de fadas já exerciam: de importantes meios de formação da subjetividade.

No entanto,

Os contos de fadas são considerados complexos, seja pelo texto difícil, pela ilustração mais elaborada ou pela narrativa longa. As professoras preferem histórias mais simples em que o aprendizado torna-se mais imediato. Para utilização pedagógica, o fantástico parece ser mais difícil. As professoras procuram utilizar textos mais realistas. (RADINO,2003, p.2).

Para Radino (2003), compartilhar um conto e acolher a fantasia infantil significa acolher a criança em sua integridade e ela poderá sentir que não está só e que suas emoções não são assustadoras, mas pertencem aos homens e podem ser vivenciadas. A verdadeira educação pode respeitar e aproveitar a natureza infantil. Se sua fantasia e sua emoção puderem estar integradas em seu processo de desenvolvimento e conhecimento, a criança sentir-se-á respeitada e terá condições de ingressar em mundo social e cultural.

Ouvir e ler histórias é também desenvolver todo o potencial crítico da criança. É poder pensar, duvidar, se perguntar, questionar. É querer saber mais e melhor ou perceber que se pode mudar de idéia. É saber criticar o que foi lido ou escutado e o que significou.

A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa, cura. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência da história enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças.

O significado de escutar histórias é tão amplo, é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das

soluções, que todos atravessamos e vivemos, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história e assim esclarecer melhor os nossos ou encontrar um caminho possível para a resolução deles.

Para Caldin (2005), “[...] a leitura, a contação ou a apresentação de um texto literário deve ser seguida pela conversa, discussão, debate (linguagem verbal) ou por qualquer outra forma de linguagem não verbal que indique interação com o texto.”⁸

Ao ouvirmos um conto fazemos nosso próprio filme, criamos nossas próprias imagens, construímos alicerçados em nossa experiência de vida, os cenários, os personagens e o ritmo dos acontecimentos.

⁸ CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 18, n. 2, 2004. Disponível em : <<http://www.eci.ufmg.br/cedon/disciplinas/diss/caldin%20%20%20aplicabilidade.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

5 MATERIAIS E MÉTODOS

5.1 Caracterização da pesquisa

Foi realizado um estudo de caso, este “[...] é uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real”, com contação de histórias, o método indutivo, uma vez que o raciocínio indutivo leva a conclusões prováveis, porém mais gerais do que o conteúdo das hipóteses. O ponto de partida do método indutivo não são os princípios, mas a observação dos fatos e dos fenômenos, da realidade objetiva. (YIN,2008).⁹

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste projeto foi a junção de técnicas de Contação de Histórias e técnica de pesquisa: Diário de Campo.

O diário de campo trata-se de um método que tem a função terapêutica de favorecer a aprendizagem e socialização do aluno com necessidades educacionais especiais. É elaborado como diário com notas, lembretes, relatos de desenvolvimentos, idéias, experiências, desejos, sonhos, resgates de impressões e observações de experiências vivenciadas naquilo que se deseja esclarecer. (CALDAS, 2008)¹⁰.

Podemos dizer que contação de história revela-se uma possibilidade para a ampliação de visão do mundo, para a aquisição de conhecimentos e significados culturais, para o estímulo à imaginação, à fantasia e ao sonho. (RADINO, 2003).

5.2 Procedimentos

Existem várias técnicas de contação de história, como fantoches, que estimulam o pensamento, são básicos para a iniciativa, favorecem o senso de organização, promovem a lógica das ações, auxiliam na recuperação, socialização e orientam para a vida. A versatilidade dos fantoches é facilmente percebida em

⁹ YIN, Roberto K. **Estudo de caso**. Disponível em: http://www.focca.com.br/textocac/Estudo_Caso.htm. Acesso em: 22 out. 2008.

¹⁰ CALDAS,Alberto Lins. **Diáriodecampo**. Disponível em:<<http://www.unir.br/albertolinscaldas/tesediariodecampo.html>>. Acesso em: 15 set. 2008.

seus mais variados tipos: fantoche de mão, de dedos ou luvas, saco de papel, de cartolina, de vareta, com olhos móveis, meia soquete, caixa de papelão, vegetais, sabão, colher de pau, bonecos de borracha, esponja de espuma, casca de ovo, mamulengos, gigantes, marionetes, rolo de papel higiênico e outros.

Outra opção de técnica de contação de histórias foi o uso das xilogravuras, na qual, as cenas da história são apresentadas em cartolina (desenho, colagem, pintura) soltos, uma a uma, à medida que a história vai sendo narrada.

Recorremos também à história lida, cujas ilustrações foram sendo mostradas ao longo da história, e a história narrada, contada pelo biblioterapeuta.

O modo de contação de história possibilita e ajuda na compreensão da história, bem como na aquisição de novos conceitos, além de despertar um interesse das crianças pela história.

Fazia-se a escolha de um livro infantil com um tema sobre alguma deficiência, a história era lida, narrada, com uso de fantoches ou xilogravura. Depois, o biblioterapeuta fazia perguntas de acordo com o tema proposto e observava a reação das crianças, uma professora que estava presente dava seu depoimento. Essa pesquisa era feita duas vezes por semana, com duração de 30 a 40 minutos, na APAE de Capitólio-MG.

Foram realizadas um total de 14 visitas, no qual após cada seção trabalhada preenchia-se um diário de campo, resultando no final da pesquisa em um levantamento para análise dos dados obtidos (ver apêndice A).

5.3 Caracterização/ objeto da amostra

A instituição como objeto de estudo é a Escola Neli Arantes dos Santos – APAE de Capitólio-MG, localizada na cidade de Capitólio, situada à Rua José da Costa Leite, 211, no bairro Nossa Senhora Aparecida, com seus 51 alunos de 3 a 15 anos que apresentam deficiência mental. Possui 17 profissionais devidamente capacitados e habilitados para o atendimento às necessidades especiais dos alunos. E presta serviços especializados nas áreas de: educação, saúde, esporte, lazer, assistência social e profissional.

5.4 Cuidados éticos

Atendendo a Resolução 196/96¹¹ da Comissão Nacional de Saúde que dita as diretrizes para a pesquisa envolvendo os seres humanos, os cuidados éticos foram considerados, pois, “[...] esta Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros, e visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado.” Obteve-se a assinatura da Carta de Autorização para coleta de dados bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pela diretora da Escola Neli Arantes dos Santos.

¹¹ Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96**. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm>>. Acesso em: 10 out. 2008.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Lidar com os alunos com necessidades educacionais especiais nem sempre é fácil. Às vezes, causa algumas barreiras ao professor/bibliotecário, que não está acostumado com este tipo de clientela, levando-o a subestimar sua capacidade em lidar com eles. Mas em se tratando do trabalho biblioterápico, estas barreiras são removidas, devido ao prazer que a leitura biblioterapêutica proporciona aos alunos e ao professor simultaneamente.

E por que não, pensarmos em criar a “literatura inclusiva”, com conteúdo e objetivos de melhoras sociais? Por acreditar no poder da fantasia, nós nos lançamos à tarefa de refletir sobre a deficiência na literatura infantil, e o resultado deste trabalho possibilita que novas compreensões sejam feitas acerca deste tema.

A história desperta no leitor sentimentos e emoções represados proporcionando prazer e encanto durante a leitura. Em se tratando de histórias para deficientes, a literatura recomenda na elaboração das personagens, quando o assunto é deficiência:

- a) as personagens devem provocar empatia em vez de piedade;
- b) a personagem deve ser tratada como uma pessoa humana potente por si mesma e não como dependente de forças sobrenaturais para alcançar seus alvos;
- c) sua descrição deve levar à admiração e à aceitação, nunca ao ridículo;
- d) deve ser um retrato exato dos comportamentos que se associe à deficiência em questão;
- e) não deve haver descrições clínicas, pois estas interessam apenas a um grupo de pessoas e, embora educativas, não são motivadoras;
- f) o texto deve apresentar o deficiente de forma realista e, tanto quanto possível, dentro de seu espaço, e
- g) deve enfatizar as semelhanças e não as diferenças.

Acredita-se que, através de textos bem elaborados e criativos, em que as personagens centrais de várias idades tenham necessidades educacionais especiais, possam ser estabelecidas situações de vida e desempenho de papéis de forma construtiva, sadia, mostrando-se um mundo em que o deficiente, tão

desacreditado, tenha condições de chegar a um relativo sucesso sempre que lhe derem oportunidades para tal.

Atividades com histórias proporcionam aos alunos o desenvolver de atitudes mais expressivas e criativas, as quais são de extrema importância para os alunos, professores, profissionais e também para a família de cada aluno. São respostas às necessidades que cada aluno possui: quanto à linguagem, ao toque, à socialização, à descoberta, ou ainda, de forma muito relevante: uma reação, um sorriso, uma resposta, até mesmo uma agressão, que muitas vezes identifica-se como uma resposta.

A leitura literária suscita o imaginário das crianças estimulando-os para desenhar, musicar, teatralizar, para brincar, tudo pode nascer de um texto.

A leitura biblioterápica desperta nos alunos os mais diversos sentimentos, como os observados durante a leitura da história: “O problema da centopéia Zilá”, onde foram visíveis os sentimentos de solidariedade e ajuda à centopéia, que tinha uma perna mais curta que a outra.

A Biblioterapia desperta nos alunos sentimentos de acolhimento e aceitação das diferenças como os observados na história: “Uma amiga diferente”, demonstraram também sentimentos de amor, respeito e compreensão com as pessoas especiais embora não se sentindo como especiais.

Ouvir e ler histórias é também desenvolver o potencial crítico do aluno. É momento de pensar, duvidar, perguntar, questionar. Esses momentos foram observados durante a leitura e contação de histórias dos alunos da APAE de Capitólio-MG.

Acredita-se ter havido uma mudança positiva do comportamento das crianças do grupo experimental entre as situações anterior e posterior. Em relação ao grupo, as crianças mantiveram uma frequência positiva relativa às suas respostas comportamentais. Abaixo, o resumo geral dos resultados obtidos do programa biblioterápico aplicado:

Tabela 1 – Resultados Obtidos

Nº total de histórias contadas	- 14
Público Alvo	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino Fundamental (Jovens e Adultos); - Pré-escolar; - Projeto pedagógico específico.
Temas	<ul style="list-style-type: none"> - Adaptações físicas; - Ajuda mútua; - Amizade; - A verdade e a mentira; - Baixa visão; - Companheirismo; - Diversidade humana; - Esperteza; - Gula; - Importância do trabalho; - Sabedoria; - Síndrome de Down; - Solidariedade; - Transtorno de Déficit de Atenção.
Sentimentos e/ou atitudes observados	<ul style="list-style-type: none"> - Alegria; - Amizade; - Apoio; - Companheirismo; - Compreensão; - Insegurança; - Medo; - Raiva; - Respeito; - Solidariedade.
Indexação dos depoimentos	<ul style="list-style-type: none"> - Beleza interior; - Bondade; - Compreensão; - Conscientização do trabalho; - Respeito às diferenças individuais;

Ficou visível a interação entre alunos da escola, equipe interdisciplinar de profissionais, juntamente com a aluna do Curso de Biblioteconomia do UNIFOR_MG. A resposta é individualizada por parte de cada aluno, é uma conquista diária e muito particular de cada indivíduo, mas quando conquistada, representa vitória pessoal e de toda a equipe que participou deste processo.

Este trabalho biblioterápico contribuiu para a descoberta do mundo de conflitos, das dificuldades que os alunos com necessidades educacionais especiais vivem através dos problemas que são enfrentados e resolvidos pelos personagens do texto, encontrando caminhos para a solução de seus problemas.

Ler para os alunos com necessidades educacionais especiais tornou-se uma atividade prazerosa, uma vez que o interesse pela leitura por parte dos alunos foi crescendo, tornando-se um hábito. Assim, espera-se ter contribuído para o crescimento e desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais, visando que as mesmas tenham uma vida mais feliz e possam ser aceitas e integradas realmente na sociedade.

7 CONCLUSÃO

Muito ao contrário do que se possa imaginar, as crianças com necessidades educacionais especiais muitas vezes têm capacidade de respostas maior do que o esperado. Surpreendem com sua dedicação e interesse. Mas para tal, exigem da pessoa que é o interlocutor uma doação e um envolvimento maior do que outros alunos. Através da leitura, pode-se extrair dos alunos sentimentos reprimidos, apaziguar emoções e colocar a criança com necessidades educacionais especiais em contato com o mundo dos livros, além é claro, de permitir uma maior interação entre o meio e o aluno.

Verifica-se que a leitura para alunos com necessidades educacionais especiais favorece um maior desenvolvimento crítico e intelecto, bem como estimula o seu imaginário, permitindo que barreiras e conceitos sobre o aluno com necessidades educacionais especiais sejam quebradas.

A atividade de leitura para alunos com necessidades educacionais especiais requer dedicação, entusiasmo e constante atualização. Conforme a experiência vivida na APAE de Capitólio-MG, pode perceber a importância da contação de história e leitura na melhoria da linguagem oral e ampliação do vocabulário dos alunos. Foi gratificante perceber a alegria e a satisfação demonstradas pelos alunos neste período.

A Biblioterapia aplicada aos alunos com necessidades educacionais especiais alivia suas tensões, angústias e medos, favorece o desenvolvimento crítico e reflexivo, estimula a imaginação, a linguagem e promove a socialização. Desse modo, o público ouvinte infantil experimenta o medo e por vezes antecipa o alívio que irá sentir no final, porque sabe que tudo acaba bem. Para os autores, esta é uma forma de lidar com sentimentos, sejam eles bons ou ruins. Ao escutar histórias que provocam o medo, a criança estabelece um vínculo entre ela e o personagem, concebendo estratégias para se posicionar no mundo e compreender o que o rodeia, fornecendo significados, estruturando e dando forma às figuras e aos conflitos do seu dia-a-dia.

A curto prazo a Biblioterapia pode estar ligada em atividades de prevenção, educação e extensão em saúde; e a longo prazo fazendo parte de uma equipe de saúde, assim como o psicólogo, nutricionista, fisioterapeuta, etc.

É uma atividade interdisciplinar que permite buscar aliados em vários campos e um exercício aberto a críticas, contribuições e parcerias.

Pode ser um meio efetivo para a mudança de comportamento, é uma forma de mostrar que a leitura pode se tornar um meio rico para o encontro consigo próprio e para a aprendizagem.

Trabalhar contando histórias, além de ser um trabalho prazeroso, é fonte inesgotável de conhecimento e aprendizagem.

O compartilhar de um momento de criação e mergulho no imaginário infantil requer prazer, alegria e dedicação de um profissional habilitado e capacitado ao trabalho literário e biblioterápico.

Partindo da idéia de que os futuros profissionais da Biblioteconomia devem ter bem claro seu papel social e necessidade de promover a abertura de novas atividades relacionadas à sua área, a leitura para pessoas com necessidades educacionais especiais abre-se como uma forma de entendimento de que muito ainda pode e deve ser feito para possibilitar a todas as pessoas o acesso à informação, seja como interlocutores ou como ouvintes.

Deste modo, esta atividade representa aos acadêmicos do curso de Biblioteconomia, a abertura de um campo de trabalho ainda não explorado pelos bibliotecários e, também, esquecida pela sociedade, de modo especial, a biblioteca escolar direcionada às pessoas com necessidades educacionais especiais.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTERAPIA. **Revista Cláudia**, São Paulo, p. 116, mar. 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96**. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm>>. Acesso em: 10 out. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. **Deficiência mental**. Brasília, DF: SEESP, 1997.

BUENO, Silvana Beatriz. **A aplicação da Biblioterapia em crianças enfermas**. Relatório final (Curso de Biblioterapia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

CALDAS, Alberto Lins. **Diário de campo**. Disponível em: <<http://www.unir.br/albertolinscaldas/tesediariodecampo.html>>. Acesso em: 15 set. 2008.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 18, n. 2, 2004. Disponível em : <<http://www.eci.ufmg.br/cedon/disciplinas/diss/caldin%20-%20%20aplicabilidade.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

_____. A leitura como função terapêutica: Biblioterapia. **Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 12, 2001. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/cedon/disciplinas/diss/caldin%20%20leitura%20terap.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

_____. Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência. **Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.14, out. 2002.

FERREIRA, Danielle Thiago. **Biblioterapia**: uma prática para o desenvolvimento pessoal, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003.

FISCHER, Laura da Rocha. **Biblioterapia**. Relatório final (Curso de Biblioterapia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PARDINI, Maria Aparecida. **Biblioterapia**: encontro perfeito entre o bibliotecário, o livro e o leitor no processo de cura através da leitura, estamos preparados para essa realidade? Bauru, [s.n.]. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj/snbu/snbu2002/oralpdf/87.a.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2008.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Universitária, 1996.

PIZZOL, Alexandre Dal. **Emoção e sentimento**. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/psicologia/emoção.htm>>. Acesso em: 12 set. 2008.

RADINO, Glória. **Contos de fadas e realidade psíquica**: a importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

SILVA, Maria Emília da; FACHIN, Gleisy Regina Boris. Leitura para portadores de deficiência com necessidades especiais: relato de uma experiência. **Revista ABC**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 148-156, 2002.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Flagrantes de contação de história em espaços educativos gaúchos**. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss07_05.pdf>. Acesso em: 20 maio 2008.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso**. Disponível em: http://www.focca.com.br/textocac/Estudo_Caso.htm. Acesso em: 22 out. 2008.

APÊNDICE A – DIÁRIO DE CAMPO**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA – UNIFOR-MG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E EXATAS
DIÁRIO DE CAMPO**

LOCAL:

DATA:

HORÁRIO:

PÚBLICO ALVO:

HISTÓRIA:

TÉCNICA:

TEMA BIBLIOTERÁPICO:

SENTIMENTOS OU ATITUDES OBSERVADOS APÓS A HISTÓRIA:

DEPOIMENTO:

DANIELA ALVES ARANTES

ANEXO A – HISTÓRIA “O PROBLEMA DA CENTOPÉIA ZILÁ”



Conta a história de uma centopéia que tinha uma de suas perninhas mais curta que as outras. Quando resolve diminuir a diferença entre suas pernas recebe uma grande surpresa da vida.

ANEXO B – HISTÓRIA “UMA AMIGA DIFERENTE”



Conta a história de um zangão filhote que conhece uma abelha diferente das outras e descobre neste contato uma amizade para toda a vida.

ANEXO C – DEFINIÇÃO DE PROFESSOR ORIENTADOR E TEMA/ TERMO DE ACEITE DE ORIENTAÇÃO



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA
Decreto estadual nº 006/2004

Instituição: Fundação Educacional Comunitária Formigense – FUCOM

**Trabalho de Conclusão de Curso
UNIFOR-MG**

Definição de Professor-Orientador e Tema

Aluno: Daniela Alves Arantes
 Matrícula: 2.00754
 Curso: Biblioteconomia
 Disciplina: Metodologia Científica
 Endereço Residencial:
 Rua: Rua Industrial, n.º 116
 Bairro: Centro CEP: 37330-000
 Cidade: Capitão UF: MG
 Telefone (s): (37) 3372-1309
 E-mail (s): dani.arantes@ufcmg.com

Tema do Trabalho: Aptidão da bibliotecária clínica no ARAE de Capitão, MG

Termo de aceite de Orientação

Eu, Professor Sérgio de Fátima Araújo Brasil
 Assumo o compromisso de orientar o(a) referido (a) aluno (a) no seu projeto de conclusão de curso (TCC), para tanto, comprometo-me a:

- 1) Dedicar-me, com zelo e profissionalismo, às atividades de orientação exigidas pela instituição;
- 2) Orientar o aluno acompanhando-o em todas as etapas do trabalho proposto, incentivando-o ao estudo e a produção do conhecimento científico.

[Assinatura]
Assinatura do Prof. Orientador

[Assinatura]
Assinatura do Coordenador do Curso

[Assinatura]
Assinatura do Aluno

Formiga, 06/04/2008

ANEXO D – DECLARAÇÃO DE ACEITE DA INSTITUIÇÃO



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA
 Criação publicada em 05/08/2004
 Mantenedora: Fundação Educacional Centenária Formiguense - FUCM

DECLARAÇÃO DE ACEITE DA INSTITUIÇÃO

A instituição denominada Escola Neli Arantes dos Santos - APAE
de Capitólio, MG sediada em Capitólio, MG
 CNPJ 04.303.613/0001-76, declara,
 junto à coordenação do curso de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais
 Aplicadas e Exatas do UNIFOR-MG (Centro Universitário de Formiga), aceitar que o aluno
Deniele Alves Araújo do 7º período do curso de Biblioteconomia
 desenvolva o Trabalho Prático em seu estabelecimento, aceitando que as informações
 obtidas e/ou geradas sejam utilizadas com o caráter científico, desde que mantenham a
 integridade da empresa.

Por ser verdade, firma a presente

Capitólio/MG, 01 de abril de 2008

ESCOLA NELI ARANTES DOS SANTOS - APAE DE CAPITÓLIO
 EDUC. INFANTIL, CICLOS BÁSICO E INTERMEDIÁRIO CURSOS DE EDUC. DE JOVENS E ADULTOS
 PARQUE N.º 670, 2301-013 Q14, Q14 APT. FUNG. PORTARIA N.º 096/2004 MG 28/11/04
 MUDANÇA DE DENDOMÍNIO, PORT. N.º 1032 2002 MG 08/09/02
 RUA JOSÉ DA COSTA LEITE - N.º 516 - BARRIO SRA. APARECIDA - CAPITÓLIO/MG

Instituição
Neli Arantes dos Santos

ANEXO E – AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DE TRABALHO DE PESQUISA DE CAMPO



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA
 Decreto publicado em 08/02/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Condição Paraguarana - FUCOM

AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DE TRABALHO DE PESQUISA DE CAMPO NA Escola Teli Arantes dos Santos - APAE de Capitão MG

Eu, Maria das Graças Leite S. Pinto, diretora da Escola Teli Arantes dos Santos - APAE situada à Rua José da Costa Leite, nº 211, Bairro Marcelino Apicini em Capitão-MG, concedo, a título gratuito, permissão para o (a) estudante Daniela Alves Arantes do curso de Biblioteconomia do Centro Universitário de Formiga-UNIFOR-MG, obter o direito de executar Trabalho de campo, a título de construção da base científica e educacional para a produção de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujos pais ou responsáveis estiverem devidamente esclarecidos e de acordo com a realização do (a) Trabalho de campo.

Daniela Alves Arantes

Nome do aluno (a)

Capitão-MG, 01 de abril de 2008

ANEXO F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA

Decreto publicado em 05/04/2004

Matrícula: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUCOM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Bibliotecas para alunos com necessidades educacionais especiais em APM de Capitão MG aplicabilidade e resultados

Eu, Marcia das Graças Leite S. Leite, diretora da Escola Frei Amalário de Souza - APM de Capitão, declaro para fins de autorização de coleta de dados e questionário, que foi devidamente esclarecido(s) sobre esse projeto desenvolvido pela aluna Camilla Alves Araújo sob a orientação da Professora Tânia de Fátima Góes de Souza lotada no Curso de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais, Aplicadas e Exatas do Centro Universitário de Formiga-UNIFOR-MG.

Estou ciente que, a qualquer momento:

- Poderei retirar meu consentimento sobre a coleta de dados na instituição gerida por mim;
- Todas as informações obtidas serão confidenciais, os nomes dos envolvidos não serão revelados;
- Não haverá nenhuma despesa pessoal, tampouco alguma compensação financeira;
- Em qualquer etapa da pesquisa, poderei ter acesso aos dados, bem como aos responsáveis pelo projeto para eventuais esclarecimentos ou dúvidas;
- Os dados dessa pesquisa poderão ser utilizados pelos pesquisadores em publicações de natureza científica.

Marcia das Graças Leite S. Leite

Assinatura da diretora

Camilla Alves Araújo

Assinatura do aluno

Capitão-MG, 01 de abril de 2008

ANEXO G – COEP: CARTA DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA
 Decreto publicado em 06/04/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUCOM

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS E ANIMAIS
COEP – UNIFOR-MG

CARTA DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO

Eu, Marcia das Graças Leit S. Pinto diretora da Escola Poli Técnica do Leste - APAE de Leopoldina, permito que Danielas Alves Avantis acadêmica do 7º período do curso de Biblioteconomia do UNIFOR-MG realize uma coleta de dados através de entrevista e/ou questionário nesta instituição, necessária para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Bibliotecas públicas em municípios ribeirinhos do MG: realidade e desafios. Dou permissão para que sejam obtidas fotografias, filmagens ou gravações para fins de pesquisa científica.

Reserva-se o fato de que os nomes dos voluntários permanecerão em sigilo. Autorizo, portanto, o contato com o(s) voluntário(s) da pesquisa.

Marcia das Graças Leit S. Pinto
 Assinatura da diretora

Danielas Alves Avantis
 Assinatura do aluno

Capitão-MG, 01 de abril de 2008

ANEXO H – DECLARAÇÃO



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA

Decreto publicado em 05/08/2004

Mantenedora: Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM

Ao Exmo(a) Sr(a)

Sandra Maria Sarmar
Coordenadora do curso de Biblioteconomia

Eu, Daniela Alves Arantes aluno do 7º período do Curso de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas do UNIFOR-MG, declaro estar ciente da obrigatoriedade do sigilo que envolve os trabalhos de pesquisa de campo, bem como a publicação dos mesmos estar ligada à autorização dos envolvidos e desde que o mesmo não afete direta ou indiretamente a Instituição ou alguns dos envolvidos.

Por ser verdade, firmo a presente declaração.

Formiga, 01 de abril de 2008

Daniela Alves Arantes
Assinatura do aluno pesquisador

ANEXO I – FOTOS

Foto 1: Momento de contação de histórias para os alunos da APAE do Ensino Fundamental (Jovens e Adultos).



Foto 2: Alunos do Ensino Fundamental (Jovens e Adultos) da APAE Capitólio-MG.



Foto 3: Momento de contação de histórias dos alunos da APAE do Pré-Escolar e do Projeto Pedagógico Específico.



Foto 4: Alunos do Pré-Escolar e do Projeto Pedagógico Específico da APAE Capitólio-MG.